



# A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Rua Formosa 242-2.º—PORTO

SUCURSAL EM LISBOA  
Rua do Arco da Graça, 4-2.º

REDACTOR PRINCIPAL—*Antonio Alves Pereira*

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—*Maclei Barbosa*

**Condições d'Assinatura** (Pagamento adiantado)  
Um mez \$05 (50 reis); Semestre \$30 (300 reis); Um ano \$60 (600 reis)  
Para fora do país, cresce o importe do selo.  
**Numero avulso \$01 (10 reis)**  
Comp. e Imp. na *Tipografia Peninsular*  
Rua dos Mercadores, 171—PORTO—Telefone 737

## Fala um revolucionário francês

### A NOSSA ATITUDE PERANTE A GUERRA

Como muitos camaradas, tinha eu pensado que, submergidos pelos acontecimentos actuaes e impotentes para lhes imprimir outra direcção, o nosso papel era proteger as ideas que nos são queridas contra os golpes que a tormenta pudesse vibrar-lhes. Imaginara eu que, por meio da nossa *Bataille Syndicaliste*, os nossos esforços deveriam ter por fim preservar de qualquer mancha o ideal que defendemos até hoje. Neste espirito, sem dúvida alguma, é que Jean Grave escreveu o seu belo artigo (*Sofismas decaídos*, B. S. de 16 de dezembro), que muitos camaradas poderiam meditar com fruto.

No seu artigo *Uma nova Europa*, expõe Charles Albert um ponto de vista que é o dele, mas não é nem pode ser o de todos os revolucionários, nem mesmo o de todos os socialistas.

De acôrdo, enquanto se trata de salvar da catástrofe a maior soma de liberdade possível e sobretudo de reconhecer na confusão que se há-de seguir o caminho mais directo para a meta que alvejamos; mas se se trata de dizer o nosso pensamento todo sobre a guerra actual e suas consequências, só uma opinião podemos ter: sofremos um estado de coisas que fizemos tudo para evitar e contra o qual nada mais podemos; a guerra, porém, continua a ser nefasta, geradora de dores, sofrimentos e lutos, nada podendo sair dela que seja bom para o proletariado.

Para nos robustecermos nesta convicção, basta considerarmos que uma das principais razões que ditaram a conduta dos dirigentes alemães foi o esmagamento do socialismo em aumento. E é este o momento escolhido para atribuir a esta guerra uma virtude emancipadora para a Internacina! Ninguém sabe o que acontecerá ás nossas organizações; e se podemos esperar para elas, um dia, um vitalidade nova, há-de ser unicamente a custo de novas lutas. A realidade, o que a guerra tem produzido—e há-de produzir ainda—são as ruínas e os desesperos.

Que nos vindes cá falar de solidariedade com a classe burguesa, de trégua assinada com ela? Por quem? Do interesse dela coincidiado neste momento com o nosso? Será um preconceito dizer que o desaparecimento do militarismo alemão dará o valor máximo ao que ficar dos militarismos dos aliados? Será também um preconceito pensar que o fortalecimento destes últimos será para a classe burguesa a melhor das garantias contra uma ressurreição eventual possível do militarismo prussiano?

E acusais de cegueira os que «a si mesmos preguntam ainda se o proletariado consciente não deveria, em vez de ter entrado como parte activa nesta crise—fatal e útil (1)—tê-la sofrido passivamente como vítima inerte e resignada!»

A VERDADE É QUE, VENDENDO OS NOSSOS COLABORADORES INVOLUNTARIAMENTE NUMA OBRA TAM AFASTADA DO SEU IDEAL, SENTIS COMO QUE UMA NECESSIDADE DE INDICAR UM ALVO AO SEU MOVIMENTO, DE DAR UMA RAZÃO A ESTA ACTIVIDADE COMO PARA DEMONSTRAR QUE O PROLETARIADO SE

MANTÉM CONSCIENTE MESMO NA EXECUÇÃO DOS ACTOS QUE LHE SÃO IMPOSTOS. (1).

Que irrisão! Tenhamos—dizeis vós—a coragem de encarar a situação tal qual é. Eu respondo: tenhamos a coragem de confessar que a nossa propaganda não tinha ainda dado todos os seus frutos, ou antes (e) é a confirmação de que era eficaz, de consignar que foi o seu poder virtual que decidiu as «potencias do passado» a tentarem esmagá-la antes que fosse tarde demais.

«Só a diversão no exterior pode impedir ou retardar a ascensão para o poder das massas democráticas e socialistas» (Livro amarelo, Documentos diplomáticos sobre a guerra europeia, nota 5, pág. 17).

Eis a nossa única responsabilidade na guerra actual.

Tem sequer esta guerra «o condão de criar um laço novo e fecundo entre os proletariados dos países aliados», como escreveis?

Então esses proletariados, para entrar em contacto sério, hão de ter esperado pela aliança dos seus governos respectivos? Desde quando é que a propaganda internacional segue as flutuações diplomáticas? E deveríamos romper com os nossos camaradas ingleses, se um novo Facho da sombra se o horizonte?

Que é que aproximou os elementos saos da França e da Rússia? Foi a aliança russa ou antes a solidariedade que sentiamos para com os que lutavam contra o tsarismo?

Ainda mesmo que a vitória dos aliados desencadeasse um movimento popular na Alemanha, nem por isso a guerra sairia daí reabilitada.

Uma Internacina duradoura só se poderá fundar sobre as ruínas da sociedade capitalista e não sobre as dum povo apenas emancipado e no qual os sacrificios hão de ter despertado ódios que começavam a dissipar-se, pois a guerra tem esta coisa horrível: desde o início das hostilidades substitui o antagonismo dos interesses proletários e capitalistas pelo antagonismo dos desgraçados que dela sofrem os primeiros horrores.

EMILIO CZAPÉK  
(*La Bataille Syndicaliste*, 4—1—1915).

(1) O verso é nosso. Chamamos a atenção dos camaradas para esta passagem. É uma explicação psicológica de muitas atitudes, á qual já tinhamos alludido em 3 do corrente, em nota á carta do camarada Magraasi, e que tentavamos desenvolver. Folgamos de a ver exposta por um camarada que vive em plena fornalha.

### Aos camaradas

Pelo balancete que publicamos a semana finda, viram os camaradas a critica situação em que se encontra o nosso semanário. Longe de diminuir, o deficit aumentou consideravelmente; e como sabem, um jornal nestas condições, ha-de ter sempre uma vida periclitante,

Ora para que ele resista a todos os embates, torna-se necessario que todos contribuam

com o seu auxilio: agentes e assinantes, leitores e amigos. Um bocadinho de boa vontade da parte de cada um, será o suficiente para levarmos de vencida o terrivel obstáculo que se nos apresenta.

Camaradas, não deixeis que a *Aurora* sucumba á minguagem de recursos. Visto que ella no momento actual se torna tam precisa, procurai por todos os meios ao vosso alcance extinguir-lhe o deficit, na certeza de que prestareis um optimo serviço á causa da anarquia.

Esperamos, portanto, que nos vos esqueçais do apelo que vos fazemos, apelo sobremansa justificado, como acabais de ver

### A Administração

#### E a Bélgica?

Quando dizemos que a actual conflagração é essencialmente uma luta entre capitalismo, entre imperialismos, pela dominação do mercado mundial, e que, sob o ponto de vista operário e anarquista, não há guerra defensiva entre Estados, objecta-nos um ou outro: «E a Bélgica?»

A infeliz Bélgica teve a grande desgraça de se encontrar no caminho dos molossos ferozes: embora a luta não seja actual com ella, sofre-lhe as mais duras consequências. O mais pronto, o menos escrupuloso, o mais brutal dos mastins passou por cima della.

O mal é a existência dos mastins; e o nosso papel é não encobrir ou parecer desculpar esta responsabilidade fundamental com a maior ou menor dose de responsabilidade ocasional que os mastins atribuem uns aos outros. Os belgas, como os outros povos em guerra, são vítimas do Capitalismo e dos Estados.

### Os que não foram na corrente

Trecho duma carta de Pierre Monatte á Armando Borghi, data-da de 18 de novembro:

«Tens inteira razão supondo, como escreveste na *Internationale*, que nem todos os subversivos franceses crêem na guerra santa. Somos um certo numero de sindicalistas, nomeadamente uma boa parte dos colaboradores da *Vie Ouvrière*, os que desaprovamos categoricamente Jouhaux. Anarquistas como Sebastião Paire (que vi na primeira quinzena de agosto) e como Pierre Martin, segundo me garantem, não se deixaram arrastar pela corrente guerrista.

Não há certamente país na Europa onde a censura seja mais feroz do que em França.

Está proclamado o estado de sitio desde os primeiros dias da guerra e os jornais só publicam o que o governo deixa passar. Quanto a nós, preferimos suspender a *Vie Ouvrière*».

Já conhecíamos por cartas particulares a bela attitude de Monatte e de Merrheim (delegado da Federação dos metais) no Comité Confederal. Esta carta e a esplendida declaração que noutro lugar inserimos confirmam as boas noticias recebidas. Emilio Costa não poderá chamar «absolutos» a Merrheim e a Monatte, tidos por moderados.

Além dos nomes citados, conhecemos outros, de anarquistas e sindicalistas muito estimados, que se mantiveram e que, se reião reclamam, é para diante, no sentido das nossas ideas. Esperemos.

### UM DOCUMENTO NOTÁVEL

## Porque me demiti do comité confederal

As *Unions Départementales de Syndicatos du Gard* e do *Ródano* (França).

Camaradas:

Depois do voto emitido, na sua sessão de 6 de dezembro, pelo Comité Confederal, considero um dever renunciar ao mandato que me tinheis confiado.

Eis as razões que ditaram a minha resolução: No decorrer dos últimos cinco meses, causa assombro e dôr o que vi: o Comité Confederal aditir para simplesmente, sem protesto, que o seu secretário geral aceitasse uma missão official como commissário da nação; algumas semanas mais tarde, a comissão confederal, enviada a Bordéus, consentir em fazer uma excursão de conferências por conta do governo; militantes sindicalistas e funcionários das organizações terem uma linguagem digna dos mais puros nacionalistas. E hoje mesmo, o Comité Confederal negou a sua simpatia aos esforços tentados para concertar a paz, aos socialistas dos países neutros. Para o Comité Confederal, falar de paz neste momento constituiria um erro, quase uma traição, uma espécie de cumplicidade numa manobra alemã, como diriam o *Temps* e o *Governo*.

Nestas condições, é-me impossível continuar em seu seio por um momento mais, pois creio, pelo contrário, que falar de paz é um dever que incumbe, nestas horas trágicas, ás organizações operárias conscientes dos seus deveres.

Em 22 de novembro, o secretário confederal informava o Comité de um convite para a Conferência Socialista de países neutros, organizada em Copenhague para 6 e 7 de dezembro, pelos partidos socialistas escandinavos. Opondo-me a que passasse para a ordem do dia, fiz a seguinte proposta: Que a Confederação Geral do Trabalho respondesse assegurando aos socialistas dos países escandinavos que, se nos era absolutamente impossível enviar um delegado, seguiríamos entretanto os seus esforços em favor da paz com a maior simpatia, e que fazíamos votos para que a Conferência obtivesse o maior exito possível.

Na sessão de 29 de novembro, a Federação dos Metais fazia uma proposta inspirada no mesmo sentido, á qual eu aderiria incondicionalmente.

Como e por que foi combatida? Com que argumentos? Seria longo demais pormenorizá-lo aqui; mas as actas do Comité Confederal—22 e 29 de novembro e 6 de dezembro—vo-lo dirão em dia não distante.

Em 6 de dezembro, via-se o Comité Confederal diante de três propostas: a primeira da Federação da Construção Civil, inspirada em não dar resposta alguma; a segunda, de Luquet, fazendo restricções importantes ao acôrdo da C. G. T. em suas relações com o partido socialista sobre um texto comum, e por fim a dos Metais.

O Comité pronunciou-se em primeiro lugar sobre a proposta de carácter prejudicial—da Construção Civil, adoptando-a por 22 votos contra 23 abstenções.

E' fora de dúvida que a proposta dos Metais seria inteiramente esmagada por uma maioria, em 6 de dezembro.

Assim, mais uma vez, os

apêlos dos socialistas em favor da paz não teriam encontrado eco nas organizações centrais francezas, nem na imprensa operária deste país, a qual chega a recusar inseri-los. Apelos e iniciativas em tudo conformes com as decisões dos congressos socialistas de Stuttgart, Copenhague e Basileia, que declaram:

«No caso de se declarar a guerra, apesar de tudo, é do seu dever (das classes trabalhadoras) interirem para a fazer cessar prontamente e utilizarem com todas as suas forças a crise económica e politica criada pela guerra para agitar profundamente as massas e precipitar a queda da dominação.»

Este dever, Keir Hardie e o Partido Operário Independente, na Inglaterra, tom-se esforçado desde começo por cumprir, assim como os dois partidos socialistas russos, bem como os italianos e suíços em sua Conferência de Lugano, e o partido socialista norte-americano com a sua iniciativa dum Congresso Socialista Internacional extraordinário.

E o dever cumprido por Karl Liebknecht—acompanhado por uma minoria socialista alemã—com seu protesto no Reichstag em 2 de dezembro:

«Uma paz rápida, que não humilhe ninguém; uma paz sem conquistas; eis—declara elle—o que é preciso exigir.»

«Devem ser bem recebidos todos os esforços dirigidos neste sentido. Só a afirmação continua e simultânea desta vontade em todos os países beligerantes poderá deter o sangrento crime antes do aniquilamento completo de todos os povos interessados. Só uma paz baseada na solidariedade internacional da classe operária e na liberdade dos povos será uma paz duradoura. E' neste sentido que os prolários de todos os países devem secundar, ainda no decorrer desta guerra, o esforço socialista pela paz»

Compreende-se até certo ponto que as massas populares, enganadas e excitadas diariamente pela imprensa, por toda a imprensa, tenham aceitado como artigo de fé todas as declarações governamentais. Mas que os militantes do sindicalismo não hajam mostrado mais perspicácia, que não tenham empregado mais espirito critico no exame das alegações governamentais, que se tenham deixado ganhar pela febre da vaidade nacional, que tenham perdido a lembrança dos principios que até hoje guiavam a sua acção, eis o mais triste do espectáculo.

Quando Poincaré subiu á presidência da Republica, haverá dois anos no mês próximo, diziamos alguns deles: «Teremos a guerra antes de acabar os seus sete anos.» Tivemos-la antes de dois anos.

Esta guerra prevista, temida por nós, esta guerra desejada, preparada pelos nossos politicos de espirito nacionalista, é a que neste momento o Comité Confederal considera uma guerra de libertação para a Europa, uma guerra capaz de levar a liberdade e a republica á Alemanha e de destruir o militarismo. Que illusão!

Esta guerra, da qual o attentado de Sarajevo não foi senão o pretexto, tem as suas fontes naturais no duelo económico anglo-alemão e na rivalidade germano-eslava.

A aliança russa, que foi a maior vergonha da republica franceza, precipitou o nosso país no fôssô. A aliança russa e as ambições marroquinas.

O Kaiser não fez mais do que adiantar a hora da conflagração europeia. A sua responsabilidade é mais pesada do que a dos outros governos; mas a dos governos francez, russo e iuglês não é leve. Ainda pôde estabelecer-se de modo claro e conciso que o governo francez fez tudo o possível para salvaguardar a paz durante a última semana de julho. Ninguém duvida de que a diplomacia secreta—de proezas secretas tantas vezes denunciadas—há-de ter desempenhado um papel considerável para provocar a declaração de guerra.

Os trabalhadores conscientes das nações beligerantes não podem aceitar nesta guerra a menor responsabilidade, a qual cai em cheio sobre os elementos governantes. E longe de descobrir razão alguma que deles nos possa aproximar, devemos procurar reavivar os nossos ódios contra o capitalismo e os Estados.

E' necessário, e hoje mais do que nunca, conservar zelosamente a nossa independência, sustentar resolutamente as concepções que nos são queridas e que são ao mesmo tempo a nossa razão de ser.

Se acham que elas são falsas, que o digam. Então, só então, se terá o direito de propagar o nacionalismo em todas as suas formas: nacionalismo político e nacionalismo económico.

Mas assalta-me uma dúvida: parece-me que as nossas organizações centrais, na França como na Alemanha, a Confederação Geral do Trabalho como o Partido Socialista, a União Sindical Internacional como a Internacional Socialista, firmaram a sua bandeira.

Demonstraram-nos claramente a sua impotência para evitar a guerra após tantos anos de propaganda organizadora. Por um momento, poderia ter-se dito que a culpa cabia talvez ás massas separadas de nós, as quais não compreendiam os seus deveres internacionais. Este último lampejo de esperança vacilou ante as palavras dos militantes dos dois países. Foi no centro que faltou o fogo, isto é, a fé.

Se a humanidade há-de chegar a conhecer um dia a paz e a liberdade no seio das Nações Unidas do mundo, só lhas poderá dar um socialismo mais real, mais ardente, surgido das desilusões pre-entes, temperado nos rios de sangue. Não serão em todo caso nem os exércitos dos aliados, nem as velhas organizações para sempre desonradas, que lhas hão de dar a liberdade.

E é por entender, queridos camaradas do Gard e do Ródano, que a C. G. T. se desonrou com o voto emitido em 6 de dezembro que eu renuncio, não sem tristeza, ao mandato que me tinheis confiado.

PIERRE MONATTE

Delegado titular da União dos Sindicatos do Gard.  
Delegado suplente da União do Ródano.

Coisas históricas

- 11-1837 - Funda-se, em Lisboa, a Escola Politécnica.
12-1898 - L'Aurore, o grande diário de Paris, publica o famoso J'acuse, de Emilio Zola.
13-1909 - O célebre explorador Shackleton chega ao 82.º paralelo Sul.
14-1913 - Com vitória parcial termina a greve dos corticeiros de Alameda.
15-1893 - Sai, em Argel (França), o primeiro número dum semanário anarquista com o título, A Marmitta Social.
16-1912 - Ao norte de Leixões encalha o vapor Veronése. Dos seus tripulantes e passageiros morrem trinta e tantos.
17-1903 - Reclamando aumento de salário, declaram-se em greve os vidreiros de Trépost (França).

Notas Rubras

O Calvario da Vida

«A Vida é um sofrimento pedregado!»

E' impossível que o mundo não estale um dia sob a pressão de tanta dor.»

Desde que as li, jámais se afastaram do meu pensamento estas palavras conceituosas.

A Vida actual é realmente uma dor peréne.

Para os que analisam superficialmente as coisas, a humanidade vive relativamente feliz. E não há dúvida que a indiferença e a inacção dos sedentos de Pão e de Luz perante os sofrimentos que os torturam física e moralmente não pode fugir a oferecer outra dedução aos espiritos pouco observadores. Todavia, para aqueles que se embrenham num estudo mais profundo dos factos, a maior parte da raça humana arrasta uma existencia dolorosa. Todos os dias se revelam casos que demonstram, iniludivelmente, gestos de desespero.

Ainda na semana transata, em Alcantara—Lisboa—um infelizmente caldeireiro, operario digno, honesto e trabalhador, inimigo das tabernas e amicissimo da familia, com cinco filinhos menores, tentou assassinar, num momento de alucinação, a golpes de navalha de barba de seu uso, a sua companheira e suicidar-se tambem, devido a não poder sustentar todos os seus como era preciso, e ainda porque a doença o amargurava, fazendo-lhe antever constantemente um proximo futuro de miseria para si e para os seus entes queridos.

Quotidianamente ocorrem acontecimentos analogos, muitas vezes ainda mais trágicos, que provam nitidamente que por esse mundo fora ha muita desgraça, ha muita dor que é necessario exterminar por todas as formas. Mas para isso é impre-cindivel que os seres desditosos saiam da letargia em que se encontram e venham com o seu esforço ajudar a demolir a velha e iniqua organização social, causa basilar do calvario que a humanidade sofre.

C. RODRIGUES.

Rectificação - Porque muito prézo a verdade, cumpre-me esclarecer que a tentativa de estupro numa operaria da Fabrica e Fiação de Tecidos do Bmfim não foi proeza do «mestre geral», como disse no meu anterior artigo sobre imoralidades nas officinas—mas sim do Director desse estabelecimento fabril. Foi confusão de nomes.

Nada, porém, ha a rectificar ás considerações feitas sobre assunto em questão...

C. R.

Questões preliminares...

O camarada Emilio Costa deunos, no n.º 2 do Germinal, mais um artigo de preliminares, fazendo considerações... filosóficas, com as quais mais ou menos todos concordamos mas não explicando bem a que se applicam...

A que vem, por exemplo, a referencia ao preconceito ou erro individualista, da parte de alguns anarquistas, de se julgarem muito acima do comum dos mortais?...

Quanto á illusão psicológica que leva a exagerar a nossa acção e a influencia das nossas ideas, estamos há muito tempo de accordo. Mas, se do viver alheado, do insulamento,—que cada um supõe nos outros...—resulta semelhante erro, que dizer então dos efeitos da atmosfera guerreira, do ambiente artificial criado pela imprensa e por todos os meios de divulgar um só aspecto da questão, ocultando o outro? Tudo isso é pobremente contrabalançado pelos nossos minguidos meios de propaganda e pela nossa falta de noticias. Não formulará Emilio Costa a hipótese de que vários amigos intervencionistas se tenham deixado arrastar e cegar por esse ambiente? Alguns temos nós encontrado que ignoram lamentavelmente os factos e argumentos contrários, e que nem sequer lêem a imprensa

anarquista, porque (não será isto outro preconceito?... ) já sabem o que ela diz... O próprio Emilio Costa só em 30 de dezembro descobriu em Tierra y Libertad o artigo de Malatesta publicado em 22 de novembro pela nossa modesta folha...

Quanto á falta de preparação científica, causadora de ideas absolutas, está bem. Mas há outro erro: a facilidade com que cada um imagina que as ideas contrárias são devidas á falta de preparação científica. A sciência, coitada, serve para tudo e justifica tudo, com mais ou menos habilidade. Grandes sábios, teem-nos todos os partidos e opinões.

Absoluto, não há tampouco quem o não seja para alguém. Todos os partidos reformistas e legalitários teem taxado de absolutos os anarquistas. Quem não compreende um método de acção, acha-o sempre absoluto. Nós, que tantas vezes fomos considerados dentro do anarquismo como relativistas e temperados, somos agora capazes de receber o epíteto de «absolutos». Seja em desconto dos nossos pecados!

Citando de novo Malatesta, até parece que Emilio Costa o dá para exemplo de incultura e absolutismo... Mas é claro que não quis dizer tanto—nem sequer chamar-lhe absoluto, tam ao contrário da opinião que dele formam os que o conhecem. Se lho chamasse, provaria mais uma vez que, neste mundo, o próprio absoluto é coisa bem relativa.

Aguardemos, pois, a sua crítica ao artigo de Malatesta.

Na imprensa periódica—pátria—quer dizer barriga. Onde se ler:—A pátria está salva—, leia-se:—Temos a mesa posta desde manhã até a noite.— Onde se ler:—A pátria está em perigo; bate Catinella ás portas de Roma—, leia-se:—Não nos deram sequer um osso para o jantar.

Dantes o amor da pátria era a alma da sociedade; hoje é o estômago de cada um. URBANO LOUREIRO.

Guerras ofensivas e defensivas

Numa carta datada de Paris, 30 de novembro, e publicada por La Libre Pensée, de Lausana, em 12 do mês passado, a escritora francesa Nelly Roussel, tratando de combater o óio ao povo alemão em massa, escreve estas justas palavras:

«O ódio entre povos não é—digam o que disserem—um sentimento natural, instintivo; é uma criação monstruosa dos que teem ou julgam ter interesse nos conflitos armados. Não vimos nós, não vemos nós ainda antigos «inimigos», que muito sinceramente se diziam irreconciliáveis, unirem-se em alianças estreitas, descobrirem de súbito um no outro todas as virtudes e deplorarem o «mal entendido» que por tanto tempo os separára?... Mas nem a sua amizade de hoje nem a sua antipatia de ontem veem dum instinto profundo. Não passam de coisas políticas.

E' tam fácil aos que teem em seu poder a imprensa e o ensino criarem uma atmosfera favorável aos seus designios, fazerem nascer por cima das divergências reais e permanentes o sentimento factício, a paixão colectiva e momentânea que arrasta as multidões! E' tam fácil enganar dois povos quanto ás suas intenções recíprocas, e fazê-los, no momento escolhido, lançarem-se um contra o outro, com igual fé na justiça da sua causa!

E assim se revela a inanidade de certos belos raciocínios sobre a distincção que convém estabelecer entre a guerra «ofensiva» e a guerra «defensiva». A guerra «ofensiva»?... Que governo ousaria, na época actual, convidar a ela o seu povo?... confessar-lhe desejos de ataque e de conquista?... O povo, que nunca sabe senão o que hão por bem dizer-lhe, crê sempre que foi o «inimigo» que começou.»

Nos quartéis não é costume haver ideias; de modo que o aparecimento desse curioso contrabando é motivo de maior paço que um cafésal no pólo.

Eduardo de Carvalho.

SER HEROI

Quando se deram, na costa norte de Leixões, os terríveis naufrágios, que ainda estão na memória de muita gente, eu tambem não pude deixar de me comover. E essa comoção foi tam grande que ainda hoje me serve de ensejo para rabiscar estas desataviadas linhas e fazer algumas comparações, a propósito do heroísmo humano.

Um dos vapores a quem coube a sorte de sossobrar, obrigado pela impetuosidade do vento e do mar, foi o «Silurian»

Logo que no pósto de Socorros a Naufragos foi conhecida tão funesta noticia, immediatamente fizéram retinir furiosamente a sinôta de alarme do citado posto, mostrando assim á guarnição do salvavidas e ao povo, que havia qualquer embarcação em perigo. Num instante compareceram os homens que compõem a dita guarnição, inclusive o «patrão» o velho «Povo», e, intrépidos, e destemidos, mostraram-se prontos a salvar a vida dos seus semelhantes, embora nessa obra humanitária e altruista tivessem a infelicidade de perder a existencia. Embarcando na frágil embarcação salva-vidas, lá foram, mar dentro, com os braços possantes nos remos impelindo o barco salvador, ameaçado constantemente pelo mar e pelo vento. Mas eles não recuam. Não. Os braços fortes dos remadores não o consentem, antes o atiram para a frente, obrigando-o a aproximar-se do logar do perigo.

Chegam, enfim, ao vapor naufragado, e, com muito custo, pôdem salvar a guarnição do mesmo, que já imaginava ser aquele dia o ultimo da sua vida.

Voltam, então, para terra os destemidos salvadores com a preciosa carga de vidas, salvas a uma morte certa e horrível.

Na praia, o povo—que ali affluu, curioso—aterrorisado ante a scena tétrica, pevorosa, que presenciava, o coração oprimido, a voz afogada na garganta, espéra, ansioso, o final: nos labios tem uma préce muda, nos olhos o espanto e o temor dos que vêem em risco a vida de seres humanos. A embarcação, por fim, vara a terra, livre de perigo, e logo o povo se aproxima—o coração mais desoprimido, as lagrimas de alegria a bailar-lhe nos olhos—e pressuroso trata dos salvados e dignifica os salvadores! Estes saltam em terra com rapidez, e ajudam o povo na humanitária tarefa de reanimar os naufragos—esquecidos de si, com o corpo a escorrer água—inconscientes do perigo, ignorando—quem sabe?—o acto verdadeiramente heroico que acabavam de praticar, expondo a vida á mercê das ondas para salvar a dos seus semelhantes. No outro dia a imprensa diária, conta, com as cores mais brilhantes a horrível tragédia, acabando por chamar herois aos humanitários salvadores. Li com interesse tais noticias, e acabada que foi tão lancinante descrição, como-vi ainda por tal leitura, chamou-me a atenção uma noticia descrittiva duma batalha feróz entre soldados de dois paizes envolvidos actualmente na calamitosa Conflagração Europeia. Acabava a citada noticia por chamar verdadeiros... herois a uns tres dos ditos soldados, que, pela sua ferêza e estupidez, maior número de vítimas tinham feito. Foi só então, depois de lêr isto, que reflexionei demoradamente em tal assunto. Sim; que diriam, que pensariam para consigo essas destemidas creaturas que se dedicam ao humanitário mistér de salvar a vida—incluindo haveres e bem estar—dos seus semelhantes?

Como se sentirão desanimados na sua obra altruista, ao lêrem, ou ouvirem chamar herois, a homens que bestialmente, inconscientemente—ou conscientemente, e nesse caso o crime é maior—tiram a vida a creaturas que não conhecem, que nenhum mal lhes causaram? Quem maior antagonismo existirá na Terra? Num ponto, um punhado de valentes, que, desprezando a existencia, vão, intrépidos e temerarios salvar a vida de creaturas que a infelicidade colocou á mercê das calamidades da natureza; mais além, um outro punhado de homens, tentando por todas as formas—as mais bárbaras—assassinar, destruir, talar, in-

cendiar, homens, mulheres, creaturas, habitações, campos, florestas: disimando a ferro e fogo, massacrando ferozmente os povos seus irmãos, sem saber porque, não sabendo explicar a razão e o provento que lhes advem de tais atrocidades, não tendo mais que aquela fé—que no cerebro lhe inocularam—de que este ou aquele povo é seu inimigo, simplesmente porque esse outro povo fala um idioma que não é o seu. Aqueles são herois: Estes são... herois.

Que grande aberração!

Pois bem, eu tenho mais respeito pelo valente «Povo», do que pelo maior general, em cujo peito ostentasse todas as condecorações guerreiras do mundo. E quem não o sentirá? O «Povo» trabalha para elevar a vida, arranjando ao mar as criaturas que lá estão em perigo; o general, que se vangloria com medalhas e comendas de toda a casta, representa apenas a ferocidade e maus instintos que o animam, pois é um factor de mortes crudelissimas, de lares devastados!...

Quais são, pois, os verdadeiros herois?

Inquestionavelmente os que salvam as vidas, arrostando e afrontando os maiores perigos. Porque os que a exterminam, não passam de, assassinos.

J. Rodrigues.

Aos anarquistas de Lisboa

Convidam-se todos os camaradas desta cidade e arredores, bem como as agrupações—as quais enviarão os seus representantes—a comparecerem numa reunião que se efectuará no dia 21 do corrente pelas 20 horas, na séde da União Anarquista comunista da R. S. (Travessa da Agua Flor, 55—1.º andar) afim de se nomear a comissão administrativa da mesma União, e discutir as bases duma Caixa de Auxilio aos camaradas perseguidos. Bernardino Santos, secr.

—Então a guerra actual não é entre a reacção e a liberdade? Como se explica então que em todos os países neutros os reaccionários e conservadores sejam pela Alemanha e os liberais e democratas sejam pelos aliados?

—Isso é o ponto de vista democrático. E mesmo desse ponto de vista, só se vêem as aparências: dum lado democracias... excluindo a Rússia, e do outro os impérios centrais. Raciocina-se como se fosse, não uma guerra entre Estados, mas uma guerra civil entre partidos... E depois, meu caro, há o ponto de vista social-revolucionário: em todos os países neutros e mesmo beligerantes há um bom número de anarquistas, sindicalistas e socialistas que vêem as coisas por outro prisma: esses não entram na contaf... Desde quando é que os anarquistas se regulam pelo critério democrático para distinguir a «reacção» da «liberdade»? Numa luta eleitoral todos os democratas são pelos mais liberais: é isso razão para irem os anarquistas... votar por estes? Uma vitória eleitoral pode dar o poder ao partido mais democrático e liberal: vão os anarquistas deixar de atacar o «instrumento» eleitoral e parlamentar, com receio de o... inutilizar!

JORNALIS

A Vanguarda

Reapareceu este diário lisboense, com quem temos mantido permuta. Estimamos.

A Tipografia

Começou a publicar-se, em 2.ª serie, este mensario, órgão da Federação Tipografica Port gueza, com séde na Calçada do Combro, 3-1.º—Lisboa. Vamos permutar.

Aniversarios

Completeram mais um ano de existencia os nossos confrades—A. Plebe, de Velença, Bairrada Liore, de Anadia, e A Economia, de Lisboa.

As nossas felicitações.